

A CONSTRUÇÃO MODAL [PODER + VINF] NA NARRATIVA MIDIÁTICA DE CONFLITOS/GUERRAS: POSSIBILIDADE, EVIDENCIALIDADE E LEITURA CRÍTICA EM SALA DE AULA

THE MODAL CONSTRUCTION [PODER + VINF] IN MEDIA NARRATIVES OF WAR AND CONFLICT: POSSIBILITY, EVIDENTIALITY, AND CRITICAL READING IN THE CLASSROOM

Marcos Luiz Wiedemer¹, Léia Cruz de Menezes², Raphael Alves de Oliveira³

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), FAPERJ, São Gonçalo, RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-0924-1030>
mlwiedemer@gmail.com

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Redenção, CE, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-5232-9711>
leiamenezes@unilab.edu.br

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), CAPES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
<https://orcid.org/0009-0002-4361-6780>
ra.alvesdeoliveira@gmail.com

Recebido em 05.07.2026

Aceito em 04.08.2026

Resumo: Este artigo tem duplo objetivo: (i) analisar o funcionamento da construção [PODER + Vinf] na narrativa midiática de conflitos/guerras, com foco em seus valores de possibilidade e evidencialidade; e (ii) discutir suas implicações para o ensino de Língua Portuguesa. Fundamentado nos estudos da modalidade epistêmica e da evidencialidade, o trabalho analisa manchetes e excertos de notícias sobre tensões geopolíticas e narrativas bélicas. As análises evidenciam que a construção [PODER + Vinf] ultrapassa a simples expressão de possibilidade (epistêmica), funcionando como estratégia de mitigação do comprometimento enunciativo, projeção de consequências futuras e organização de relações causais hipotéticas. Observa-se, ainda, a articulação entre modalidade epistêmica e evidencialidade por meio da mobilização de especialistas, instituições e inferências que legitimam os cenários projetados pelo discurso midiático, além de ocorrências de evidencialidade projetivo-conjectural. Parte-se do pressuposto de que a explicitação desses mecanismos em sala de aula pode contribuir para o desenvolvimento de práticas de leitura crítica, permitindo que os estudantes compreendam como a linguagem constrói cenários, projeta futuros e negocia graus de certeza. Como contribuição pedagógica, o artigo apresenta quadros sistematizadores articulados às habilidades da BNCC (Brasil, 2018).

Palavras-chave: Modalidade, evidencialidade, leitura crítica, ensino de língua portuguesa.

Abstract: This paper has a two fold objective: (i) to analyze the functioning of the [PODER + Vinf] construction in media narratives of war and conflict, focusing on its values of possibility and evidentiality; and (ii) to discuss its implications for the teaching of Portuguese. Grounded in studies of epistemic modality and evidentiality, the work analyzes headlines and news excerpts on geopolitical tensions and war narratives. The analyses show that the [PODER + Vinf] construction goes beyond the mere expression of (epistemic) possibility, operating as a strategy for mitigating speaker commitment, projecting future consequences, and organizing hypothetical causal relations. We also observe the

interplay between epistemic modality and evidentiality through the mobilization of experts, institutions, and inferences that legitimize the scenarios projected by media discourse, alongside occurrences of projective-conjectural evidentiality. We assume that making these mechanisms explicit in the classroom can contribute to the development of critical reading practices, enabling students to understand how language constructs scenarios, projects futures, and negotiates degrees of certainty. As a pedagogical contribution, the article presents systematizing tables aligned with the BNCC skills (Brasil, 2018).

Keywords: Modality, evidentiality, critical reading, Portuguese language teaching.

INTRODUÇÃO

A linguagem jornalística, especialmente em contextos de conflito e guerra, recorre a estratégias linguístico-discursivas que permitem modular o grau de comprometimento do enunciador com aquilo que é dito. Em contextos geopolíticos marcados por incerteza, instabilidade e disputa de narrativas (Charaudeau, 2006), observa-se, no campo midiático, a centralidade de enunciados que não apenas informam, mas também projetam possibilidades, antecipam desdobramentos e constroem cenários interpretativos. Nesse quadro, proliferam discursos baseados em prospecções, nos quais o futuro é discursivamente configurado a partir de indícios, analogias e avaliações especializadas.

Nesse cenário, ganha relevância, para o ensino de Língua Portuguesa (LP), a investigação de como tais efeitos de sentido são linguisticamente construídos e de que modo podem ser explorados na formação de leitores críticos¹. Mais do que compreender “o que” os textos dizem, torna-se fundamental problematizar “como” dizem e “com que grau de certeza” dizem, sobretudo em gêneros de ampla circulação social, como os textos midiáticos sobre conflitos/guerras internacionais.

Entre as estratégias linguísticas que sustentam esse funcionamento, destacam-se as construções modais com o verbo *poder*, em especial a formação [PODER + Vinf]. Essa construção revela-se particularmente produtiva, pois permite ao discurso jornalístico equilibrar, de um lado, o anseio de seu público-alvo por

¹ Leitores críticos caracterizam-se pelas habilidades de avaliar a fonte de onde o texto provém, de diferenciar fatos relevantes e irrelevantes, de fazer previsões, de antecipar fatos, de testar hipóteses, de identificar tratamentos marcados pela tendenciosidade e preconceito, de entender o significado socialmente construído embutido nos textos, bem como os contextos político e econômico nos quais os textos estão inseridos, de modo a construir uma visão de mundo emancipadora e até uma ação social transformadora (Oliveira, 2006).

informações em torno do assunto que está sob holofote naquele momento e, de outro, proteger-se de ser responsabilizado por interpretações acerca do que não foi consumado. Trata-se, portanto, de um recurso para a organização discursiva da incerteza em contextos de circulação midiática. Os exemplos a seguir ilustram esse funcionamento:

(01)	"O que 3 episódios históricos podem indicar sobre rumos da guerra no Irã". Fonte: https://www.bbc.com/portuguese/articles/c70d57472exo Acesso em 11.05.2026.
(02)	"Guerra no Irã pode impulsionar corrida por armas nucleares no Oriente Médio". Fonte: https://www.brasilemfolhas.com.br/2026/04/guerra-no-ira-corrída-armas-nucleares/ Acesso em 11.05.2026.

No primeiro exemplo, *podem indicar* opera sobre a leitura de eventos passados, sugerindo que determinados episódios históricos funcionam como base inferencial para a projeção de desdobramentos do conflito. Já no segundo, *pode impulsionar* desloca o foco para consequências futuras, construindo um cenário hipotético de intensificação da corrida armamentista. Nesse sentido, a construção [PODER + Vinf] funciona como um mecanismo de gerenciamento da responsabilidade enunciativa, ao mesmo tempo em que orienta a interpretação do leitor. Com isso, articula o domínio da modalidade epistêmica, ao promover um menor grau de comprometimento com a verdade do enunciado (Neves, 1996; Hengeveld, 2004), e o domínio da evidencialidade, na medida em que sinaliza que o conteúdo proposicional se dá a partir de inferências, projeções ou saberes mediados por fontes diversas (Wiedemer; Alvarez, 2025, Wiedemer; Oliveira, 2026).

Diante disso, este artigo tem duplo objetivo: (i) analisar o funcionamento da construção [PODER + Vinf] na narrativa midiática de conflitos e guerras, com foco em seus valores de possibilidade e evidencialidade, buscando interpretar criticamente discursos midiáticos de projeção, marcados pela construção de cenários de futuro e incerteza, bem como (ii) discutir suas implicações para o ensino de LP. Parte-se do pressuposto de que a explicitação desses mecanismos em sala de aula pode contribuir para o desenvolvimento de práticas de leitura crítica, permitindo que os

estudantes reconheçam como a linguagem não apenas transmite informações, mas também constrói cenários, projeta futuros e negocia graus de certeza em discursos de ampla circulação social.

Após essa introdução, seguem-se três seções. Na primeira, discute-se os fundamentos teóricos relacionados à modalidade epistêmica e à evidencialidade. Na segunda, apresentam-se aspectos linguísticos e discursivos da construção em diálogo com o ensino. Essa seção está dividida em três subseções: na primeira, reflete-se acerca dos efeitos de futuridade e projeção presentes em manchetes; na segunda, examina-se o papel da construção na atenuação do comprometimento enunciativo; na terceira, abordam-se os efeitos evidenciais e a construção de hipóteses no discurso midiático. Na conclusão, sintetizam-se os resultados das reflexões empreendidas e aponta-se a importância do tratamento da epistemicidade e da evidencialidade no ensino.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: MODALIDADE EPISTÊMICA E EVIDENCIALIDADE NA CONSTRUÇÃO DE CENÁRIOS PROSPECTIVOS

No discurso midiático sobre conflitos e guerras, a construção [PODER + Vinf] ultrapassa a função tradicionalmente atribuída à expressão de possibilidade (modalidade epistêmica), configurando-se como uma estratégia linguístico-discursiva complexa, que articula, simultaneamente, projeção de cenários futuros e mitigação do compromisso enunciativo, como podemos observar no exemplo em (03).

(03)	<i>“Como guerra no Irã pode levar o mundo a uma nova corrida por armas nucleares”.</i> Fonte: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2026/04/11/como-guerra-no-ira-pode-levar-o-mundo-a-uma-nova-corrida-por-armas-nucleares.ghtml. Acesso em 10.06.2026.
------	---

Nesse enunciado, a construção [PODER + Vinf] (“pode levar”) posiciona o conteúdo proposicional no domínio da possibilidade epistêmica, mitigando o grau de comprometimento do enunciador com a factualidade da informação. Ao mesmo tempo, estabelece uma relação de causalidade projetada entre o conflito atual e um

possível cenário futuro de escalada nuclear global, ou seja, uma cadeia causal hipotética, na qual o evento é articulado a possíveis consequências futuras.

Além disso, o verbo *levar* ativa um esquema semântico de causação direcional, organizado na relação “X leva Y a Z”. Em que X corresponde ao evento ou à situação desencadeadora, Y à entidade afetada pela mudança e Z ao estado ou situação-alvo resultante. Nesse caso em análise, “guerra no Irã” funciona como evento desencadeador capaz de conduzir “o mundo” a um novo estágio geopolítico: “uma nova corrida por armas nucleares”. Não se trata de uma relação de transferência propriamente dita, uma vez que não há deslocamento ou transferência de posse de uma entidade, mas de uma relação de movimento causado abstrato, em que o participante Y é conceitualmente conduzido a uma situação-alvo Z. Trata-se, assim, de uma construção orientada para a projeção de um encadeamento causal futuro.

Observa-se, ainda, a presença do verbo modal *poder* no presente do indicativo, em terceira pessoa do singular (“pode”), seguido de infinitivo (“levar”). Embora o presente do indicativo costume associar-se à factualidade; nesse caso, seu funcionamento é modalizado por integrar a construção [PODER + Vinf], deslocando o enunciado do domínio do fato para o domínio da possibilidade epistêmica. E, o conteúdo proposicional não é apresentado como um acontecimento consumado, mas como um desdobramento plausível do conflito em questão.

Desse modo, o uso de *poder* permite ao enunciador reduzir seu grau de comprometimento com a veracidade do enunciado, evitando a assunção de uma posição categórica diante de eventos ainda em curso ou de desdobramentos incertos. Mitigação, neste caso, não implica neutralidade discursiva; ao contrário, funciona como uma estratégia que suspende a certeza, mas mantém ativa a projeção de determinadas interpretações possíveis e cenários plausíveis.

A modalidade epistêmica concerne ao eixo conceptual do conhecimento de mundo do falante, permitindo-lhe posicionar-se em relação ao conteúdo enunciado conforme o grau de certeza atribuído ao que é dito. Conforme aponta Gasparini-Bastos (2004), a modalidade epistêmica está relacionada ao conhecimento ou à crença que o enunciador possui, ou afirma possuir, acerca dos estados de coisas construídos em seu discurso. Nesse sentido, a atitude do falante diante de um

enunciado epistemicamente modalizado pode variar em diferentes graus de certeza, dúvida ou possibilidade.

Segundo Neves (1996, p. 178), a modalidade epistêmica “se situa em algum ponto do *continuum* que, a partir de um limite preciso, onde está o (absolutamente) certo, se estende pelos indefinidos graus do possível”. Desse modo, o enunciador pode graduar seu grau de comprometimento em relação ao conteúdo asseverado, modulando efeitos de certeza, dúvida, cautela ou distanciamento epistêmico.

Hengeveld (2004) propõe que a modalidade pode ser orientada para três diferentes alvos: o participante, o evento referido na proposição ou a própria proposição. A modalidade epistêmica pode incidir tanto sobre o evento quanto sobre a proposição. No primeiro caso, avalia-se a possibilidade, probabilidade ou necessidade de ocorrência de determinado estado de coisas; no segundo, o posicionamento recai sobre o valor de verdade da proposição como um todo.

No desenho de um quadro das consequências de um conflito, a compreensão das fontes da informação, sua (in)adequabilidade como respaldo para o raciocínio que se constrói, é fundamental ao texto argumentativo. Se, pelos recursos linguísticos da modalidade epistêmica, é possível ao enunciador mitigar o comprometimento quanto ao que foi afirmado, pode haver cobranças quanto às fontes do dito ou a como elas foram utilizadas para se chegar a determinadas conclusões.

Nesse sentido, a construção [PODER + Vinf] atua como um operador de projeção discursiva. O enunciador constrói antecipações do futuro que orientam a leitura do presente, produzindo projeções interpretativas que ainda dependem de confirmação empírica. O efeito produzido é duplo: por um lado, protege-se da imputação de erro ou imprecisão, uma vez que o enunciado não é apresentado como fato consumado; por outro, influencia-se a interpretação do leitor, ao sugerir possíveis consequências e encadeamentos causais, permitindo ao enunciador ajustar seu grau de comprometimento com a proposição. Essa dupla atuação, permite ao enunciador mobilizar um recurso linguístico que, simultaneamente, (i) suspende a categorização do evento como fato consumado e (ii) projeta um encadeamento possível de eventos, frequentemente ancorado em saberes especializados, dados históricos ou avaliações de fontes institucionais, sendo possível ocorrer como uma projeção conjectural.

Essa dinâmica evidencia que não se trata apenas de um marcador de possibilidade no plano semântico, mas de uma estratégia discursiva que participa ativamente da construção de sentidos e da organização do dizer jornalístico. A mitigação do compromisso enunciativo, nesse caso, não enfraquece o discurso; ao contrário, confere-lhe flexibilidade e alcance, permitindo que múltiplos cenários sejam colocados em circulação sem a necessidade de validação factual imediata.

Já a evidencialidade é entendida como o conjunto de recursos linguísticos que indicam a fonte ou o modo de acesso à informação (Aikhenvald, 2004; Hengeveld, 2004). A “fonte de informação” se refere a modos de acesso cognitivo ao conteúdo proposicional, tais como percepção direta, inferência ou ouvir-dizer (Melac; Leclercq, 2024). Haßler (2021) aponta que a evidencialidade compreende qualquer tipo de marcação que indica a fonte do conhecimento do falante, seja ela proveniente de sua própria observação, de comunicação externa, boato ou reflexão pessoal.

A relação entre a modalidade epistêmica e a evidencialidade é bastante estreita, uma vez que todo conteúdo asseverado, negado ou interrogado vem de uma dada fonte do conhecimento, seja ela explicitada ou não. Diferentes formas de acesso à informação produzem diferentes efeitos de legitimidade e credibilidade discursiva. Hengeveld e Hattnher (2015) distinguem quatro tipos de evidencialidade, a saber: perceptiva, dedutiva, inferencial e reportativa. No quadro 1, reproduzimos as definições, conforme os autores citados.

Quadro 1 – Tipos de evidencialidade

direta	indireta		
<i>perceptiva</i>	<i>dedutiva</i>	<i>inferencial</i>	<i>reportativa</i>
Indica se o evento foi ou não testemunhado pelo falante.	Indica que a ocorrência de um episódio é deduzida pelo falante com base em uma evidência disponível	Está relacionada com um conteúdo proposicional inferido pelo falante com base em seu conhecimento prévio.	Está relacionada à opinião dos outros, e não ao próprio material cognitivo.
<i>“Não estava frio, mas um pouco de vento trazia a brisa do mar. Senti o cheiro entrar nas minhas narinas”.</i>	<i>“Estive olhando as fotos de Camila e percebi que ela usa os filtros de acordo com a cor da foto”.</i>	<i>“Em princípio, parece que a definição de renda se apresenta bastante clara e precisa”.</i>	<i>“Estudos dizem que o produto não é cancerígeno”.</i>

Fonte: adaptado de Hengeveld e Hattnher (2015) e Hattnher (2018).

A articulação entre modalidade epistêmica e evidencialidade permite compreender que a construção [PODER + Vinf] expressa uma possibilidade epistêmica, enquanto sua instanciação em contextos discursivos específicos pode favorecer uma interpretação ancorada em determinados tipos de conhecimento, sejam eles especializados, inferenciais ou prospectivos. Em (04), a seguir, o enquadramento discursivo da reportagem, associado à mobilização de especialistas, fornece uma base evidencial que contribui para legitimar a possibilidade projetada pela construção. Desse modo, permite ao enunciador graduar seu comprometimento com o conteúdo proposicional e, em articulação com os elementos do contexto discursivo, contribui para a construção do objeto do discurso e para sua orientação argumentativa, podendo ainda produzir efeitos de autoridade.

Como podemos verificar, o modal *poder* apresenta o impacto econômico como possibilidade projetada a partir de um cenário de instabilidade geopolítica, ou seja, aciona a modalidade epistêmica. No corpo do texto, observa-se a presença de marcas evidenciais, como a recorrência à voz de especialistas, consultores e analistas econômicos para produzir um efeito de validação técnica das hipóteses apresentadas (destacadas em cinza), além do verbo *dicendi* (dizer). Nesse sentido, a evidencialidade reportativa desempenha papel central, uma vez que o conteúdo projetado é atribuído a fontes externas consideradas autorizadas no campo econômico-financeiro.

(04) **"Como a guerra do Irã pode impactar os preços e a economia do Brasil"**

[...]

Alexandre Inacio, Bruno Pavan

O ataque realizado por Estados Unidos e Israel contra o Irã no último fim de semana deixou os mercados agitados na segunda-feira, 2. O principal reflexo ocorreu sobre o petróleo, que terminou o pregão de ontem cotado a US\$ 82,37 o barril, com alta de 13%.

[...]

"Ainda temos colchões aqui para ter um impacto mais óbvio no Brasil. Temos hoje uma posição privilegiada. A gente tem uma conta de petróleo que é superavitária, é o nosso principal produto de exportação e o efeito inflacionário, ele não é óbvio", disse à **IstoÉ Dinheiro** a consultora econômica Zeina Latif, sócia da Gibraltar Consulting.

Na avaliação do analista da Suno Research, Malek Zein, o ataque realizado até agora não alterou o cenário para a oferta e demanda de petróleo no mundo.

[...]

"A magnitude dos efeitos está diretamente ligada à duração do conflito: se o episódio for breve, parte do prêmio de risco pode se dissipar com rapidez; porém, em caso de prolongamento, a elevação persistente do petróleo tende a pressionar a inflação e os juros, atingindo com mais força os ativos dependentes do ciclo econômico", afirma Sidney Lima, [...]

Já o especialista de Mercado da Stonex, Bruno Cordeiro, alerta que é preciso analisar o cenário pelo lado da exportação e importação do petróleo.

[...]"

Fonte: <https://istoedinheiro.com.br/guerra-ira-impactar-economia-brasil>. Acesso em 11.05.2026.

É justamente essa articulação entre forma linguística, efeitos de sentido e contexto de uso que permite estabelecer a passagem da análise descritiva para suas implicações pedagógicas. Do ponto de vista do ensino de LP e do desenvolvimento de práticas de leitura crítica, a análise dessa construção aponta para a necessidade de deslocar o foco da identificação de classes gramaticais, como a simples classificação de *pode* como verbo auxiliar modal, para a compreensão de seus efeitos de sentido em uso, aspecto que passamos a explorar.

No caso da construção [PODER + Vinf], o trabalho pedagógico pode favorecer a percepção de que a modalização epistêmica atua na regulação do grau de certeza, cautela ou comprometimento assumido pelo enunciador diante do conteúdo enunciado. Além disso, o ensino de LP pode contribuir para que os estudantes reconheçam como os discursos midiáticos constroem efeitos de credibilidade e autoridade por meio da articulação entre modalidade epistêmica e evidencialidade (Menezes, 2026). Esse deslocamento teórico-metodológico também permite superar

abordagens tradicionalmente centradas na gramática normativa e na classificação descontextualizada de categorias linguísticas (Menezes, 2020).

A seção 02, a seguir, é dedicada à relação entre as habilidades leitoras definidas na BNCC e o objeto aqui investigado. Em cada uma de suas subseções, analisamos as manchetes jornalísticas quanto a como o futuro pode ser discursivamente construído como espaço de possibilidades, projeções e expectativas. Nosso encaminhamento será: análise de manchetes jornalísticas e de suas implicações para o ensino de LP e para o desenvolvimento de práticas de leitura crítica, e, visando auxiliarmos o trabalho em sala de aula, indicamos as habilidades da BNCC (2018) com o trabalho didático. Inicialmente, discutimos brevemente, as habilidades leitoras definidas na BNCC que sustentam a presente discussão.

2. ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA E IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO

O deslocamento do foco da mera identificação de classes gramaticais para a compreensão dos efeitos de sentido produzidos pelas formas linguísticas em uso contribui para a formação de leitores críticos, capazes de perceber que a linguagem midiática não apenas informa, mas também constrói possibilidades, orienta interpretações e negocia graus de certeza. Ao compreender o funcionamento da construção [PODER + Vinf] como estratégia de mitigação, projeção e gestão da incerteza, os estudantes passam a reconhecer a dimensão argumentativa, interpretativa e evidencial dos discursos que circulam socialmente.

Essa perspectiva encontra respaldo na BNCC para o Ensino Médio (Brasil, 2018), documento normativo que organiza as práticas de linguagem a partir de campos de atuação social e enfatiza o desenvolvimento de competências relacionadas à análise crítica dos usos linguísticos em diferentes gêneros discursivos. Nesse sentido, destaca-se a habilidade EM13LP07, segundo a qual:

Analisar, em textos de diferentes gêneros, marcas **que expressam a posição do enunciador frente àquilo que é dito**: uso de diferentes modalidades (epistêmica, deôntica e apreciativa) e de diferentes recursos gramaticais que operam como modalizadores (verbos modais, tempos e modos verbais, expressões modais, adjetivos, locuções ou orações adjetivas, advérbios, locuções ou orações adverbiais, entonação etc.), **uso de estratégias de impessoalização** (uso de terceira pessoa e de voz passiva etc.), com vistas ao incremento da compreensão e da criticidade e ao manejo adequado

desses elementos nos textos produzidos, considerando os contextos de produção (Brasil, 2018, p. 499, destaques nossos).

Um dos campos de atuação social proposto pela BNCC é o Jornalístico-Midiático, cujo objetivo consiste em "ampliar as possibilidades de participação dos jovens nas práticas relativas ao trato com a informação e opinião, as quais estão no centro da esfera jornalística/midiática" (Brasil, 2018, p. 510). Entre as habilidades leitoras especificadas no campo Jornalístico-Midiático, destacamos:

(EM13LP41) **Acompanhar, analisar e discutir a cobertura da mídia diante de acontecimentos e questões de relevância social, local e global**, comparando diferentes enfoques e perspectivas, por meio do uso de ferramentas de curadoria de informação (como agregadores de conteúdo) e da consulta a serviços e fontes de checagem e curadoria de informação, de forma a aprofundar o entendimento sobre um determinado fato ou questão, identificar o enfoque preponderante da mídia e manter-se implicado, de forma crítica, com os fatos e as questões que afetam a coletividade (Brasil, 2018, p. 512, destaques nossos).

Pela leitura do texto da BNCC (Brasil, 2018), fica clara a necessidade de trazer para a sala de aula fatos que afetam o mundo globalmente, compreender o tratamento dado a eles pela mídia opinativa, refletir sobre as materialidades linguísticas-imagéticas que as constroem e posicionar-se criticamente. Como fazê-lo é, muitas vezes, o real desafio.

Em um cenário de globalização, o petróleo, por exemplo, frequentemente ocupa posição central nas narrativas midiáticas sobre guerras e tensões geopolíticas, uma vez que alterações em sua oferta e circulação tendem a produzir efeitos em cadeia sobre transporte, energia, produção industrial e consumo, conforme podemos ver no exemplo em (05).

(05)	"Como o ataque dos EUA ao Irã pode afetar dólar, petróleo e o mercado financeiro". Fonte: https://g1.globo.com/economia/noticia/2026/02/28/como-o-ataque-dos-eua-ao-ira-pode-afetar-dolar-petroleo-e-o-mercado-financeiro.ghtml . Acesso em 11.05.2026.
------	---

A análise do exemplo (05) evidencia que a construção [PODER + Vinf] não atua apenas na modalização do conteúdo proposicional, mas também na projeção de cenários futuros construídos a partir de relações causais hipotéticas. Ao mobilizar formas como “pode afetar”, o discurso jornalístico desloca o foco do acontecimento presente para seus possíveis desdobramentos. Desse modo, o futuro passa a ser construído discursivamente como um espaço de possibilidades, projeções e expectativas, aspecto que discutiremos na próxima subseção.

2.1 O FUTURO COMO DOMÍNIO DA POSSIBILIDADE NOS DISCURSOS MIDIÁTICOS

A recorrência da construção [PODER + Vinf] em manchetes jornalísticas sobre conflitos internacionais permite compreender o futuro não como uma dimensão temporal objetiva e plenamente previsível, mas como um espaço discursivamente construído, marcado por projeções, hipóteses e cenários possíveis. Conforme discutido em Machado Vieira (2025, p. 149), há “o acionamento de construções com verbo auxiliar modal *poder* seguido de infinitivo ou com a perífrase verbo-nominal (...) na configuração de predicções de análise de possibilidade ou probabilidade com prospecção promissora em tempo futuro”.

Assim, o estudo da futuridade ultrapassa a referência temporal propriamente dita e envolve “efeitos de sentido alinhados a tempo ou a atitude de modalização” (Machado Vieira, 2025, p. 171). Ao observarmos a construção [PODER + Vinf] no exemplo (06), constatamos as afirmações da pesquisadora.

(06)	"Guerra no Irã pode redefinir a aviação internacional?" Fonte: https://www.bbc.com/portuguese/articles/c2evg7jxn19o Acesso em 08.05.2026.
------	--

O exemplo acima evidencia que o foco do discurso não está apenas no acontecimento presente, mas principalmente em seus possíveis desdobramentos futuros. Assim, o futuro emerge como um campo de projeção discursiva, organizado

a partir de inferências, tendências geopolíticas e relações causais hipotéticas. A construção [PODER + Vinf] não opera apenas como marca de possibilidade epistêmica, mas também como mecanismo de abertura interpretativa voltado à antecipação de desdobramentos futuros ainda não consolidados.

O foco da manchete desloca-se do acontecimento em si para suas possíveis consequências sobre a aviação internacional, projetando um cenário de transformação associado aos efeitos geopolíticos do conflito. Além disso, o verbo *redefinir* ativa um campo de transformação e reorganização estrutural, sugerindo mudanças nos modos de circulação aérea, nas rotas internacionais, nas políticas de segurança ou nas dinâmicas econômicas do setor.

Ao empregar formas como *pode levar*, *pode desencadear* ou *pode impactar*, o discurso jornalístico coloca em circulação leituras possíveis do presente, sem assumir integralmente a factualidade do que projeta. Assim, os lexemas verbais, conjuntamente com os demais *slots*, ativam, portanto, uma semântica de mudança e reorganização, favorecendo a construção de cenários prospectivos marcados por instabilidade, risco ou transformação estrutural. Trata-se de um mecanismo que articula cautela enunciativa e força interpretativa: suspende-se a certeza, mas mantém-se ativa a construção de futuros plausíveis. Em Machado Vieira, lemos:

Estados de coisas que envolvem futuridade têm a ver com situações ou eventos que se projetam, se concretizam ou se processam após o momento de fala. Esta condição não está associada apenas a tempo futuro. Perspectivar o futuro é conceptualizar um estado de coisas partindo do hoje, aqui e agora para um horizonte mais ou menos (in)desejável, (im)plausível, (in)definido, próximo ou distante do momento de fala, (in)certo e (im)possível de consecução (Machado Vieira, 2025, p. 141).

A recorrência dessa construção em manchetes permite aventar, ainda, a hipótese de funcionamento discursivo de caráter prospectivo, que, no corpus investigado, se manifesta na construção de expectativas, riscos e projeções acerca de possíveis desdobramentos futuros. Nesse sentido, os dados analisados sugerem uma orientação prospectiva dos enunciados, que ultrapassa a simples apresentação de acontecimentos e participa da antecipação discursiva de cenários possíveis, que denominamos de paradigma projetivo-conjectural (hipótese a ser desenvolvida em

trabalhos futuros). A manchete deixa de operar exclusivamente como síntese factual e passa a funcionar como espaço de abertura de cenários (Prado; Becker, 2011).

Atualmente, pode-se dizer que vivemos um cenário marcado por formas de jornalismo fortemente atravessadas pela lógica da hiperinterpretação, da projeção e da gestão da incerteza (Aguiar, 2025), especialmente em ambientes digitais e em coberturas de crises, guerras, economia e política internacional. Nesse contexto, ganha força um modelo discursivo que poderíamos caracterizar como um jornalismo prospectivo, analítico-projetivo ou mesmo um paradigma discursivo da projeção, no qual o foco não recai apenas sobre “o que aconteceu”, mas sobre “o que pode acontecer”; em resumo, as manchetes passam a funcionar como espaço de evocação e não apenas fatos.

Em uma abordagem centrada nos usos sociais da linguagem, torna-se fundamental que os estudantes compreendam que escolhas linguísticas como o uso de construções modalizadas, a exemplo de [PODER + Vinf], não operam apenas no plano gramatical, mas participam ativamente da organização discursiva. Desloca-se, assim, o foco tradicional da identificação de categorias gramaticais para a análise dos efeitos de sentido produzidos pelas construções em uso, permitindo compreender como a linguagem atua na elaboração social do presente e do futuro.

Quadro 2. A construção de cenários prospectivos: implicações para a leitura crítica e o ensino de Língua Portuguesa

Temática	Objetivos de ensino	Contribuição para a leitura crítica	Habilidades da BNCC
Uso de probabilidades, tendências e projeções	Compreender que o texto jornalístico não apenas relata fatos, mas projeta cenários futuros	Permite perceber como a mídia constrói expectativas e interpretações sobre acontecimentos em curso	EM13LP38 EM13LP40 EM13LP42
Construção discursiva do futuro	Entender o futuro como espaço de projeção e não apenas como referência temporal	Desenvolve a capacidade de analisar cenários possíveis construídos pela linguagem	EM13LP06 EM13LP07 EM13LP08
Relações causais hipotéticas	Refletir sobre como o discurso constrói encadeamentos entre fatos e consequências	Favorece a percepção de como determinadas interpretações são produzidas	EM13LP02 EM13LP05 EM13LP06 EM13LP07

Gestão da incerteza no jornalismo	Discutir como o discurso midiático lida com acontecimentos ainda não consolidados	Possibilita reconhecer estratégias de cautela e proteção enunciativa	EM13LP38 EM13LP39 EM13LP40 EM13LGG102
Problematização da objetividade jornalística	Analisar como escolhas linguísticas produzem efeitos de verdade e autoridade	Contribui para uma leitura menos ingênua e mais reflexiva do discurso midiático	EM13LP07 EM13LP36 EM13LP37 EM13LP38

Fonte: os autores.

Na próxima subseção, discutiremos, de forma mais específica, a construção [PODER + Vinf] como estratégia de mitigação, analisando como a modalização epistêmica atua na gestão do compromisso enunciativo e na produção de efeitos de prudência, plausibilidade e proteção discursiva no jornalismo contemporâneo.

2.2 A CONSTRUÇÃO [PODER + VINF] COMO ESTRATÉGIA DE MITIGAÇÃO

A possibilidade epistêmica permite ao enunciador colocar em circulação determinados cenários sem assumir plenamente sua veracidade. Essa mitigação (Caffi, 2013) não implica neutralidade discursiva. Ao contrário, o uso da construção [PODER + Vinf] permite que determinados cenários interpretativos sejam colocados em circulação com significativa força argumentativa.

Nesse sentido, a construção funciona como operador de projeção discursiva, articulando cautela epistêmica e direcionamento interpretativo. Esse pensamento coaduna com o que é apontado em Brunelli; Verni e Gasparini-Bastos (2019, p. 7) ao indicarem que "a construção formada por *verbo auxiliar poder* + *verbo no infinitivo*, um caso de modalidade epistêmica voltada para o evento é associada à expressão da dúvida, constitui estratégia por meio da qual a enunciativa apresenta um evento como possível, sem assumir a responsabilidade por esse julgamento", como atesta o enunciado em (7).

(07)	"Como a guerra do Irã pode impactar os preços e a economia do Brasil". Fonte: https://istoedinheiro.com.br/querra-ira-impactar-economia-brasil Acesso em 11 de maio de 2026.
------	---

Na manchete em (07), suspende-se a categorização do evento como fato consumado, mas mantém-se ativa a circulação de um cenário interpretativo plausível, capaz de orientar a leitura do presente a partir da antecipação de possíveis desdobramentos futuros, funcionando como estratégia de mitigação e de projeção discursiva. Além disso, a estrutura é introduzida por “como”, a manchete produz um efeito de explicação analítica, sugerindo que o texto desenvolverá mecanismos, razões ou trajetórias pelas quais o conflito pode afetar a economia nacional. Com isso, a construção exerce forte função projetiva. O verbo *impactar* ativa um esquema semântico de causação, estabelecendo uma relação hipotética entre o conflito internacional e possíveis efeitos econômicos no Brasil, projetando uma relação de consequência entre o evento desencadeador e os desdobramentos previstos. A manchete constrói, assim, uma cadeia prospectiva de efeitos: guerra no Irã >> possíveis impactos econômicos >> preços e economia brasileira.

Nos três exemplos a seguir, identificamos ocorrências da construção [PODER + Vinf], materializada nas formas *pode afetar*, *pode redefinir* e *pode remodelar*, voltadas à projeção de possíveis desdobramentos de conflitos internacionais.

(08a)	"Como o ataque dos EUA ao Irã pode afetar dólar, petróleo e o mercado financeiro". Fonte: https://g1.globo.com/economia/noticia/2026/02/28/como-o-ataque-dos-eua-ao-ira-pode-afetar-dolar-petroleo-e-o-mercado-financeiro.ghtml Acesso em 11 de maio de 2026.
(08b)	"Guerra no Irã pode redefinir a aviação internacional?" Fonte: https://www.bbc.com/portuguese/articles/c2evg7jxn19o . Acesso em 11.05.2026.
(08c)	"Disparada do petróleo com guerra no Irã pode remodelar cenário energético global". Fonte: https://climainfo.org.br/2026/03/16/disparada-do-petroleo-com-guerra-no-ira-pode-remodelar-cenario-energetico-global/ . Acesso em 11.05.2026.

Na análise das três manchetes, observamos que o modal epistêmico *poder* incide sobre verbos no infinitivo (*afetar, redefinir, remodelar*), instaurando um enquadramento de possibilidade e não de factualidade. Assim, o discurso constrói efeitos de distanciamento enunciativo e cautela interpretativa, uma vez que os cenários apresentados não são assumidos como acontecimentos certos, mas como desdobramentos plausíveis de eventos em curso.

Observamos, ainda, o funcionamento de processos de impessoalização, uma vez que o sujeito enunciador é frequentemente apagado, contribuindo para efeitos de objetividade e validade epistêmica (Pontes, 2022). Trata-se, portanto, de um recurso intersubjetivo de proteção e validação argumentativa, na medida em que indica, direta ou indiretamente, os responsáveis pelo conteúdo afirmado. Sobre isso, Machado Vieira (2020, p. 69) indica que a impessoalização é a "maneira de impedir, atenuar ou reparar eventuais ameaças à face do (inter)locutor e/ou do participante com papel de força que induz ou experimenta o estado de coisas mediante a distância imposta ao conteúdo proposicional em relação àquele(s) e/ou a este".

Embora as manchetes pertençam, em sua maioria, ao domínio da notícia, observa-se que elas frequentemente transcendem a simples descrição factual e passam a operar em um espaço discursivo híbrido, no qual informação e interpretação se articulam. Assim,

tanto pode nascer da notícia como dela transcender, adiantar-se sobre ela, valendo-se de dados subjetivos e retirando de um fato, mediante a análise de suas causas e consequências, inferências e conclusões que apresenta como um roteiro à comunidade" (Beltrão, 1980: 52). Desde a hegemonia do jornalismo informativo, os editoriais e os espaços opinativos em geral acabam por suplementar as notícias. Mantêm uma posição hierárquica importante, mas o centro da engrenagem jornalística é ocupado por notícias e reportagens (Guerreiro Neto, 2016, p. 95).

A mitigação do compromisso enunciativo articula-se, assim, à própria lógica discursiva do jornalismo contemporâneo, marcada pela necessidade de administrar riscos interpretativos em contextos de instabilidade e imprevisibilidade. Além disso, a impessoalização desempenha papel central nesse funcionamento. Conforme destacam Beltrão (1980 *apud* Guerreiro Neto, 2016), a impessoalidade constitui um dos atributos fundamentais do editorial, uma vez que "é um texto normalmente não

assinado, cuja responsabilidade recai sobre a direção do jornal, mesmo sendo escrito por um editorialista” (p. 95).

Outro aspecto relevante diz respeito à polaridade semântica dos enunciados. Observa-se a recorrência de construções associadas a consequências negativas, como crises econômicas, escaladas militares, pobreza, inflação, corrida nuclear ou instabilidade internacional. A polaridade semântica negativa do enunciado constitui, portanto, elemento central de sua força discursiva, pois ativa campos de sentido relacionados à ameaça, ao risco e à insegurança.

O trabalho com manchetes jornalísticas no ensino de LP permite explorar com os estudantes os modos pelos quais a mídia constrói cautela, plausibilidade e autoridade discursiva. Os alunos podem perceber que a linguagem não apenas transmite informações, mas negocia graus de certeza, distribui responsabilidades enunciativas e projeta relações causais hipotéticas. Além disso, a recorrência de processos de impessoalização favorece discussões sobre efeitos de objetividade e neutralidade no discurso midiático, permitindo problematizar a ideia de que a notícia apenas “reflete” os fatos. Segue-se síntese:

Quadro 3. A construção [PODER + Vinf] como estratégia de mitigação e o ensino de Língua Portuguesa

Temática	Objetivos de ensino	Contribuição para a leitura crítica	Habilidades da BNCC
Modalidade epistêmica e mitigação	Compreender como a língua expressa possibilidade	Permite identificar quando o discurso apresenta cenários como hipóteses	EM13LP07 EM13LP40 EM13LGG102
Gestão da responsabilidade e enunciativa	Analisar como o enunciador protege-se diante de acontecimentos incertos	Favorece a percepção de estratégias de cautela e proteção discursiva	EM13LP07 EM13LP38 EM13LGG102
Relações causais hipotéticas	Refletir sobre como a linguagem constrói encadeamentos entre eventos	Ajuda a perceber relações de causa e consequência	EM13LP02 EM13LP05 EM13LP07
Impessoalização no discurso jornalístico	Identificar apagamentos do sujeito enunciador e efeitos de objetividade	Possibilita compreender como a mídia produz efeitos de neutralidade e validade	EM13LP07 EM13LP36 EM13LP38 EM13LGG102
Mitigação e força argumentativa	Compreender que mitigar não significa enfraquecer o discurso	Como o discurso mantém impacto interpretativo mesmo sem assertividade plena	EM13LP05 EM13LP06 EM13LP07

Fonte: os autores.

A construção aqui analisada não só ativa a modalização epistêmica e a atenuação do compromisso enunciativo, mas também os modos pelos quais o discurso legitima aquilo que projeta como possível. Em outras palavras, ao colocar em circulação hipóteses, riscos e consequências futuras, o texto jornalístico frequentemente mobiliza fontes institucionais, especialistas, indícios ou inferências que funcionam como respaldo para o conteúdo enunciado. Desse modo, a compreensão da construção [PODER + Vinf] exige considerar, para além do grau de possibilidade atribuído ao enunciado, as bases evidenciais que sustentam sua plausibilidade discursiva, o que será a temática da próxima subseção.

2.3 EVIDENCIALIDADE E CONSTRUÇÕES DE CENÁRIOS PROSPECTIVOS

Por estar intrinsecamente ligada à evidencialidade, a construção epistêmica [PODER + Vinf] não apenas introduz um valor de possibilidade, mas também sinaliza que tal possibilidade é respaldada por algum tipo de evidência ou saber legitimado socialmente, conforme ilustra os enunciados em 09a e 09b.

(09a)	<i>“EUA e Irã podem retomar negociações no Paquistão nesta semana, diz agência” .</i> Fonte:https://g1.globo.com/mundo/noticia/2026/04/14/eua-ira-retomar-negociacoes-guerra-proximos-dias-diz-agencia.ghtml
(09b)	<i>“Guerra no Oriente Médio pode “sair do controle”, alerta autoridade do Catar”.</i> Fonte:https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/guerra-no-orientes-medio-pode-sair-do-controle-alerta-autoridade-do-catar/

Nos dois exemplos, a construção [PODER + Vinf] introduz cenários futuros ainda não consolidados, posicionando-os no domínio da possibilidade epistêmica. Em ambos os casos, observa-se a mobilização explícita de fontes externas de autoridade,

“diz agência” e “alerta autoridade do Catar”, o que evidencia a articulação entre modalidade epistêmica e evidencialidade.

O enunciador não apenas avalia o conteúdo proposicional em termos de possibilidade ou probabilidade, mas também sinaliza os modos de acesso à fonte de informação. Assim, a construção de cenários futuros e interpretações prospectivas depende não apenas do grau de comprometimento expresso pelo enunciador, mas também das fontes, indícios ou inferências que legitimam discursivamente aquilo que é projetado, ou seja, aquilo que precisa ser evidenciado.

A evidencialidade permite compreender como o discurso jornalístico constrói efeitos de plausibilidade e autoridade interpretativa em contextos marcados por instabilidade e incerteza. Para além da explicitação da fonte, há casos de evidencialidade inferencial (Hengeveld e Hattnher, 2015, Hattnher, 2018). Em nossa análise, também identificamos usos que denominaremos de evidencialidade *projetivo-conjetural*, nos quais a fonte da informação é construída a partir de hipóteses, projeções e possíveis consequências futuras, sem ancoragem evidencial explícita.

No caso da evidencialidade projetivo-conjetural, trata-se de construções que organizam simulações, cenários futuros e análises prospectivas sem necessariamente explicitar uma fonte concreta ou um indício diretamente verificável. Nesses casos, o enunciador projeta interpretações plausíveis a partir de relações inferenciais, hipóteses ou encadeamentos possíveis, construindo discursivamente um horizonte de expectativas em torno do conteúdo enunciado. No quadro 4, a seguir, apresentamos a definição, o funcionamento e exemplos de cada tipo evidencial encontrado.

Quadro 4. Tipos de evidencialidade em cenários prospectivos

Tipo de evidencialidade	Funcionamento	Exemplos
Inferencial	O enunciador projeta cenários com base em indícios, fatos pressupostos, analogias históricas ou relações causais	“O que 3 episódios históricos podem indicar... ”; “Disparada do petróleo com guerra no Irã pode remodelar cenário energético global”; “Companhias aéreas podem ficar sem combustível...”
Reportativa	A informação é atribuída explicitamente a uma fonte	“Guerra no Irã pode levar mais de 30 milhões de pessoas à pobreza, diz

	institucional, especialista ou veículo	ONU”; “EUA se aproximam de ‘guerra total’..., diz site”; “Trump sinaliza que EUA pode entrar em guerra...”
Projetiva-conjetural ²	O discurso projeta hipóteses e consequências futuras sem ancoragem evidencial explícita	“Como guerra no Irã pode levar o mundo a uma nova corrida por armas nucleares”; “Guerra no Irã pode redefinir a aviação internacional?”

Fonte: os autores.

Essas categorias atestam que a construção [PODER + Vinf] não se limita à expressão de possibilidade abstrata, mas desempenha funções discursivas específicas, relacionadas à organização da informação e à gestão da incerteza. Além disso, a recorrência de determinados verbos no *slot* do infinitivo, com afinidades semânticas que permitem identificar padrões de preenchimento associados a diferentes campos semânticos, como o de causalidade (levar a, provocar, desencadear), impacto (impactar, afetar) e intensificação (agravar, ampliar). Esses padrões reforçam a dimensão argumentativa do discurso, uma vez que orientam o leitor para determinadas leituras possíveis dos acontecimentos.

Do ponto de vista do ensino de LP, a análise da evidencialidade revela-se particularmente produtiva para a formação de leitores críticos. Mais do que identificar informações explícitas, torna-se fundamental compreender como os textos constroem legitimidade discursiva, mobilizam fontes e organizam graus de certeza. A análise das fontes evidenciais contribui, assim, para o desenvolvimento de práticas de leitura capazes de problematizar a origem, a circulação e o estatuto das informações veiculadas pela mídia. Em vez de tomar os discursos jornalísticos como transparentes ou neutros, os estudantes podem ser levados a refletir sobre questões como: quem sustenta essa projeção? Em que indícios ela se apoia? Que tipo de autoridade é

² A categoria de evidencialidade projetivo-conjetural é proposta, neste trabalho, não como uma simples extensão temporal da evidencialidade inferencial nem como uma modalidade epistêmica orientada para o futuro. Seu traço distintivo reside na configuração discursiva em que uma possibilidade futura é apresentada como hipótese ou cenário potencial, sem que o enunciado explicita uma fonte reportativa ou uma base evidencial específica a partir da qual essa possibilidade seja inferida. Enquanto a evidencialidade inferencial pressupõe uma relação entre o conteúdo apresentado e algum indício, fato ou conhecimento prévio que funcione como fundamento da inferência, a evidencialidade projetivo-conjetural caracteriza-se pela projeção de um cenário cuja plausibilidade é construída discursivamente sem a explicitação dessa relação evidencial.

mobilizada? Que efeitos de verdade são produzidos pelo apagamento da fonte? Segue-se síntese:

Quadro 5. Evidencialidade e construção de cenários prospectivos: implicações para a leitura crítica no ensino de Língua Portuguesa

Temática	Objetivos de ensino	Contribuição para a leitura crítica	Habilidades da BNCC
Construção de plausibilidade discursiva	Analisar como diferentes estratégias evidenciais produzem efeitos de verdade e legitimidade interpretativa	Possibilita compreender como certos discursos se tornam socialmente plausíveis mesmo em contextos de incerteza	EM13LP07 EM13LP38 EM13LP40 EM13LGG102
Relação entre evidencialidade e projeção	Entender como fontes, inferências e hipóteses contribuem para a construção de cenários futuros	Favorece a análise crítica de projeções midiáticas sobre crises, guerras e economia	EM13LP07 EM13LP39 EM13LP42
Leitura crítica de manchetes jornalísticas	Explorar como manchetes condensam projeções, inferências e posicionamentos	Contribui para uma leitura mais reflexiva do discurso midiático contemporâneo	EM13LP02 EM13LP06 EM13LP38 EM13LGG102
Linguagem e construção social da verdade	Compreender que a mídia organiza o conhecimento sobre o presente e o futuro por meio de escolhas linguísticas	Desenvolve a capacidade de questionar os modos de construção da verdade nos discursos sociais	EM13LP06 EM13LP07 EM13LP38 EM13LP40 EM13LGG102

Fonte: os autores.

3. CONCLUSÕES

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permitiu compreender que a construção [PODER + Vinf] desempenha papel central na organização discursiva de manchetes e textos midiáticos voltados à cobertura de conflitos internacionais, crises geopolíticas e projeções econômicas. Mais do que um simples recurso gramatical associado à expressão de possibilidade, essa construção atua na produção de efeitos de cautela, plausibilidade e mitigação, permitindo ao discurso jornalístico colocar em circulação hipóteses, tendências e inferências sem assumir plenamente a factualidade do que é projetado. Nesse funcionamento, o futuro deixa de ser concebido apenas como categoria temporal e passa a constituir-se como espaço discursivo de

construção de possibilidades, de negociação de sentidos e de antecipação de consequências.

Do ponto de vista do ensino de LP, as reflexões desenvolvidas neste trabalho reforçam a importância de uma abordagem centrada nos usos sociais da linguagem e na análise dos efeitos de sentido produzidos. O estudo da modalidade epistêmica e da evidencialidade permite deslocar o foco tradicional da identificação e classificação de categorias gramaticais para a compreensão do funcionamento discursivo da língua em práticas reais de circulação social.

Essa perspectiva dialoga diretamente com as orientações da BNCC (Brasil, 2018), sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento de competências relacionadas à leitura crítica, à análise dos posicionamentos enunciativos e à problematização dos efeitos de verdade produzidos nos discursos midiáticos. Nesse contexto, os quadros sistematizadores apresentados ao longo do artigo assumem papel relevante como instrumentos didático-pedagógicos, na medida em que organizam possibilidades de abordagem da modalidade epistêmica e da evidencialidade em sala de aula. Ao articularem objetivos de ensino, contribuições para a leitura crítica e habilidades da BNCC, tais quadros oferecem caminhos para o trabalho pedagógico com textos jornalísticos, favorecendo práticas de análise linguística integradas aos usos efetivos da linguagem.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, T. Projeto Escola Sem Fake: a sala de aula se transformando em agência de checagem para o combate à desinformação. In.: WIEDEMER, M. L.; OLIVEIRA, M. C. de. **Gramática de construções e interfaces linguísticas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. p. 301-320.

AIKHENVALD, A. Y. **Evidentiality**. Oxford University Press, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 11 mai.2026.

BRUNELLI, A. F.; VERNI, R. de P.; GASPARINI-BASTOS, S. D. Modalidade, ethos e estereótipos nos aconselhamentos sobre finanças para mulheres. **Caderno de Estudos Linguísticos**, v. 61, 2019. p. 1-19. DOI: [10.20396/cel.v61i0.8655021](https://doi.org/10.20396/cel.v61i0.8655021).

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Trad: Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

GASPARINI-BASTOS, S. D.. **Os constituintes extrafrasais com valor epistêmico**: análise de entrevistas jornalísticas do espanhol e do português. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.

GUERREIRO NETO, G.. Da opinião à identidade: características do editorial em dois jornais brasileiros. **Sur Le Journalisme, About Journalism, Sobre Jornalismo**, 5(2), 2016, p. 92–105. DOI: <https://doi.org/10.25200/SLJ.v5.n2.2016.176>.

HAßLER, G. Marcadores de evidencialidade no português do Brasil. **Confluência**, Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, Especial 30 anos, p. 148-177, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.2021nEsp.511>.

HATTNHER, M. M. D. A expressão lexical da evidencialidade: reflexões sobre a dedução e a percepção de evento. In: **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 98-111, set. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-6esp1244>.

HENGVELD, K. Illocution, mood and modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J.; SKOPETEAS, S.; WOLFGANG, K. (Eds). **Morphology**: a handbook on inflection and word formation, vol. 2 Berlim: Mouton de Gruyter, 2004. p.1190-1202.

HENGVELD, K.; HATTNHER, M. M. D. Four types of evidentiality. **Linguistics**, v. 53, p. 479-524, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1515/ling-2015-0010>

MACHADO VIEIRA, M. dos S. Predicação verbal e impersonalização discursiva: gradiência e alternância na Gramática de Construções do Português. **Estudos da Língua(gem)**, vol. 18, n. 1, 2020, p. 65-84. DOI: <https://doi.org/10.22481/el.v18i1.6131>.

_____. Construções para a expressão de futuridade ao predicar. In.: _____. TRAVASSOS, P. F.; LACERDA, N. A. (orgs.). **Nós de Morfossintaxe**: primeiro fio da meada. São Carlos: Pedro & João, 2025. p. 141-176.

MÉLAC, E.; LECLERCQ, P. **Introduction**: the functions of evidentiality. *Functions of Language*, May, 2024. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/380947533_The_functions_of_evidentiality. Acesso em: 26 jan. 2026.

MENEZES, L. C. de. O tratamento da modalidade deôntica na perspectiva Retórica-funcional: possível no espaço de sala de aula? In: **Linguagem em Foco**. Fortaleza, CE, v. 12, n. 1, 2020. p. 209-218. DOI: <https://doi.org/10.46230/2674-8266-12-3432>.

_____. As modalidades epistêmica e deôntica na construção do artigo de opinião: uma proposta para o ensino de língua portuguesa. In: SILVA, I. L. L.; PRATA, N. P. P. (org.). **Caminhos da Linguística Funcional**: tendências, uso, intersecções. Uma homenagem à Márcia Teixeira Nogueira. Campinas, SP: Pontes Editores, 2026, p.233-259.

NEVES, M. H. de M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português falado 6**: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996. p. 163-195.

OLIVEIRA, S. **Texto visual e leitura crítica**: o dito, o omitido, o sugerido. *Linguagem & Ensino*, Vol. 9, No. 1, 2006, p.15-39. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15626/9813>. Acesso em: 14. mai. 2026.

PONTES, E.S. Impersonaliza-se? Indetermina-se? Usos de construções transitivas diretas com pronomes se em textos do português do Brasil. In: MACHADO VIEIRA, M. dos S. **Ensino de português**: predicar em (con)texto. São Paulo: Blucher, 2022, p. 91-108. DOI: 10.5151/9786555502459

PRADO, J.L.A.; BECKER, B. Das modalizações para consumidores à reterritorialização de cidadãos politizados. In.: SILVA, Gislene et. al (orgs,) **Jornalismo contemporâneo**: impasses e perspectivas. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2011. p. 33-50.

WIEDEMER, M. L.; ALVAREZ, R. E. Interpretações em curto-circuito e camadas de significado modal na construção “quer ver”. In: **Estudos da Linguagem**, v. 23, n. 1. 2025. p. 1-31. DOI: <https://www.doi.org/10.22481/el.v23i1.18348>

WIEDEMER, M. L.; OLIVEIRA, M. P. P. de. Evidencialidade e conformidade no português brasileiro. In: **Soletras**, n. 54. 2026. p.1-28.

Sobre os autores

Marcos Luiz Wiedemer

Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista (UNES), com estágio sanduíche na Erfurt Universität (Alemanha). Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Licenciado em Letras-Português/Inglês pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Pós-doutorado em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor associado de linguística na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisador Permanente do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, área de concentração Estudos Linguísticos. É líder do Grupo de Pesquisa “Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas” e membro pesquisador dos grupos de pesquisas “Discurso & Gramática” (UFRJ) e Estudos Sociofuncionalistas (UFMS). Procientista e Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ).

Léia Cruz de Menezes

Doutora e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (PPGL/UFC), e licenciada em Letras-Língua Portuguesa pela mesma universidade. Professora associada de língua portuguesa no Instituto de Linguagens e Literaturas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Pesquisadora Permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGLin/UNILAB), linha de pesquisa “Linguagem – Diversidade e Políticas Linguísticas”. É vice-líder do Grupo “Funcionalismo, Texto e Ensino” (FUNCIONAL/UECE) e integrante do Grupo de Pesquisa “Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas” (GPGCIL/RJ). É membro da Comissão de Assessoramento e Avaliação Técnico-Científica da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico e integrante da Comissão de Sintaxe da Associação Brasileira de Linguística.

Raphael Alves de Oliveira

Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGL/UERJ). É mestre em Linguística e graduado em Letras – Português/Francês pela mesma instituição. Integra o Observatório Construcionista e Cognitivo-Funcional do Português (CONPOR/UFBA), no qual desenvolve pesquisas nas áreas de Morfologia Construcional, Linguística Cognitiva e Semântica de Frames. É bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).